

## **Desemprego cai para 11,8% em julho, mas trabalho sem carteira bate recorde**

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Segundo IBGE, 41,3% da população ocupada estão na informalidade. Rendimento médio cai 1%, diz IBGE RIO — A taxa de desemprego no Brasil recuou para 11,8% em julho deste ano, de acordo com a Pnad Contínua do IBGE. No período de fevereiro a abril de 2019, que serve como base de comparação para este indicador, o desemprego estava em 12,5%. A quantidade de pessoas sem trabalho recuou de 13,1 milhões para 12,6 milhões nesse período, mas a queda é puxada pelo aumento da informalidade, que já atinge 41,3% da população ocupada, um recorde.

O rendimento médio do trabalhador apresentou queda de 1% no período, passando de R\$ 2.311 para R\$ 2.286. Por outro lado, a massa de rendimento ficou estável. A explicação para este cenário é que, como as vagas geradas são pela porta da informalidade, os salários são mais baixos. Porém, com mais pessoas trabalhando, mesmo com remunerações menores, a massa fica estabilizada.

Os economistas consultados pela Agência Bloomberg estimavam que o desemprego em julho ficaria em 11,9%.

A quantidade de brasileiros que trabalham por conta própria atingiu novo recorde na série histórica da Pnad. Na comparação entre abril e julho deste ano, o aumento foi de 1,4%, o que representa um ingresso de 343 mil trabalhadores neste ramo.

Quando a comparação é feita com julho do ano passado, o aumento é mais expressivo ainda. Em um ano, 1,2 milhão de pessoas passaram a trabalhar por conta própria. Também em um ano, foram geradas 2,2 milhões de vagas de trabalho, tanto formais quanto informais.

— Apesar da redução da desocupação, e o aumento expressivo de pessoas ocupadas, o mercado insiste em gerar postos de trabalho voltados para a informalidade — destaca Cimar Azeredo, coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE. — Há mais pessoas trabalhando, o que coloca o mercado em um ciclo vicioso. Mas parte expressiva desses postos são na informalidade. Das mais de 2 milhões de vagas criadas em um ano, mais de 50% são de trabalhadores por conta própria, que é a forma mais expressiva da informalidade.

A quantidade de pessoas desalentadas, aquelas que não procuram trabalho porque acham que não vão encontrar vagas ou porque acreditam serem pouco qualificadas para voltar ao mercado, ficou estável, de acordo com o IBGE. Em abril, eram 4,87 milhões nesta situação. Em julho, 4,83 milhões, o que representa um recuo de 0,9%.

— O mercado de trabalho brasileiro está mais flexível, e esta avaliação é explicada pela informalidade e pela queda no rendimento médio. Porém, os dados mostram que o desemprego está recuando. Fazendo um balanço, em relação a situação do emprego, os ganhos conseguem superar as perdas — destaca Marcelo Neri, diretor do FGV Social.

Trabalho informal sobe 3,9%

Outro recorde na série histórica da Pnad é em relação ao trabalho informal. O número de empregados sem carteira assinada subiu 3,9% na comparação trimestral: de 11,2 milhões para 11,6 milhões.

Na comparação anual, julho de 2019 contra julho de 2018, o aumento foi de 5,6%: de 11 milhões para 11,6 milhões.

— Acho difícil uma grande retomada dos postos com carteira assinada, como muita gente espera. Não somente por questões macroeconômicas, mas também pela tecnologia no mercado de trabalho, com a substituição do trabalho humano por máquinas e robôs — avalia Neri.

De acordo com a compilação do IBGE, dos 93,5 milhões de brasileiros empregados, 38,6 milhões são informais. Esta parcela de informalidade representa 41,3% do total de pessoas ocupadas no trimestre encerrado em julho.

Para chegar a este quadro, o IBGE consolidou os números dos seguintes grupos: empregado no setor privado (excluindo os domésticos) sem carteira assinada, trabalhador doméstico sem carteira, trabalhador por conta própria sem CNPJ, empregador sem CNPJ e trabalhador auxiliar familiar.

— O que se observa é uma transferência dentro do mercado de trabalho. As pessoas estão saindo da desocupação e migrando para a subocupação — destaca Azeredo.

Na véspera, o IBGE divulgou os números do Produto Interno Bruto (PIB) referentes ao segundo trimestre do ano. A economia avançou 0,4% , ante um recuo de 0,1% nos três meses anteriores. Embora com um número positivo, os economistas destacaram que a alta é modesta e deixa o Brasil em linha com um crescimento de, no máximo, 1% neste ano.

— O retrato do mercado de trabalho está colado com os dados do PIB. Não tem como haver crescimento forte no emprego com a economia avançando pouco — avalia Maria Andreia Lameiras, técnica de pesquisa do Ipea. — Crescimento baixo é melhor que não crescimento, mas é preciso uma aceleração para que a recuperação do mercado de trabalho aconteça de forma mais consistente.

Andreia destaca que a porta da informalidade é o caminho que os trabalhadores encontram para ter alguma fonte de renda, uma vez que não conseguem postos formais:

— Dada a situação, emprego na informalidade é melhor que desemprego. As pessoas começam a ver que conseguem produzir e vender alimentos, prestar pequenos serviços. Assim, encontram na informalidade uma janela para conseguir renda.

A pesquisadora do Ipea destaca que, para que as vagas formais sejam retomadas, é preciso que a economia reaja de forma mais consistente.

— Grande parte dos empregos são geradas por pequenas e médias empresas, então é preciso melhorar o ambiente de negócios. Além disso, a construção, pelo lado da infraestrutura, também precisa reagir. São as grandes obras que geram empregos que abarcam pessoas com pouca escolaridade e que estão fora do mercado há muito tempo — avalia Andreia.